

SUSTENTAR O FIO DA VIDA PELA VOZ
Jean-Jacques Tyszler, Ilaria Pirone, e equipe
do CMPP da MGEN



A criança pequena ensina-nos a encontrar em nós a potência do imaginário quando a realidade traz cada dia seu quinhão de medos e as palavras vêm a faltar para dizer sobre seu pavor.

A criança nos guia pela mão, simplesmente ela não tem necessidade de nós.

O aluno do maternal guarda ainda nele o extraordinário animismo que se conhece nas tenras idades: aos dois anos, quem não escutou a criança falar a seu gatinho, interrogá-lo, esperar sua resposta e continuar: ou ralhar com seu ursinho, puni-lo e depois consolá-lo.

O inconsciente guarda por muito tempo esse companheiro imaginário dos bons e maus dias.

Aos três anos, na mira das notícias que ela recebe como os adultos de um mundo tornado inquietante, ela guardará ao redor do pescoço durante todo o dia o estetoscópio de sua caixa de médico.

Esse imaginário magnífico que faz narrativa e que enoda o pequeno Homem ao outro familiar e aos semelhantes é o principal apoio para a intervenção das equipes médico-psicológicas e também dos educadores do maternal.

Sustentar o fio pela voz

“Alô, alô, bom dia!”, por telefone, o terapeuta ou o professor se apresenta e narra com simplicidade o que se passa, porque a escola, o CMPP, permanecem fechados; o que está acontecendo com os colegas e com pessoal do estabelecimento.

Durante essa primeira chamada, essa primeira retomada de contato, feita desta maneira inabitual, é preciso fazermos um pequeno relato sem esperar imediatamente respostas.

As questões da criança vão vir a seguir: “E você, tudo bem também?”

Mesmo que não pareça sem inquietude palpável, o cuidado do outro, do mais próximo ou do próximo distante como o vovô, está onipresente na casa da criança.

É preciso nomearmos as coisas: o que é uma doença, um contágio, uma cura, mas também um horizonte; nomear os seres que contam e as outras crianças do grupo para o CMPP. Da classe para a escola. Os vizinhos do imóvel ou aqueles do parque da saída do domingo para os pais.

O fio da vida se fecha com o ou os pais que estão junto da criança no momento de nossa ligação. Os pais participam dessa troca, espontaneamente, ou com a ajuda do terapeuta, da professora, que os inclui na conversação.

Isso permite escutarmos juntos a questão inesperada, inaudível de outro modo, a observação que perturba ou que chateia: “Papa não quer ir às compras, mamãe não está contente!” ou ainda “Mamãe trabalha o tempo todo, ela não joga mais comigo!”

Os pequenos relatos fazem o relato de uma vida, uma vida que deve continuar a ser escandida pelos trabalhos escolares, os exercícios físicos, além, é claro, dos momentos de descontração e de jogos.

A criança deve ser interpelada sobre o momento que ela atravessa, a presença nas questões mais elevadas, a morte também, o luto e seus rituais indispensáveis.

O terapeuta e o professor não cantam com a aparência de “Tudo vai muito bem Sra. Marquesa!”, mas sua voz não entristece nem se desola nunca. A voz vem reafirmar uma presença, repassar um traço já traçado, fazer escansão numa temporalidade que às vezes perde suas bordas. Eu estou ali, tu também. E no fim da conversação, um outro encontro telefônico é dado: o tempo e o espaço se encontram assim delimitados.

Se um certo dia é excessivamente doloroso, o adulto pode diferir um pouco a chamada, prevenindo a criança disso, porque esta se assustará diante um silêncio não habitual.

“Por que você me abandonou?”, coração terno das idades tenras, que fabrica as vocações futuras.

O retardo ou as dificuldades languageiras de certas crianças não devem ser um freio para os profissionais: o terapeuta, o professor, criam um relato com suas palavras com o apoio de sua voz. A criança escuta em silêncio, ou ainda emite sons, palavras, até se não imediatamente compreensíveis, e serão então os adultos que cercam-na que retomarão o que eles entenderam com suas palavras; eles se farão intérpretes, atestando por sua retomada um “Sim, você está aí conosco”, “Você está inquieto por não ir mais à escola, não ver mais seus companheiros”, “Você está contente de escutar sua mestra”, etc. Às vezes os pais desempenham facilmente esse papel de intérprete, às vezes eles são mais retraídos, cabe então à terapeuta, ao professor se encarregar disso. Tentamos, experimentamos, rimos de nossa falta de jeito. A experiência mostra que certos casos de crianças sofrendo por perturbação de aparência autista ou por defesas da mesma ordem, uma entrevista conjunta com a criança e o adulto é o equivalente frequentemente a uma verdadeira sessão de trabalho. O fechamento com o ou os pais é determinante em pequenos jogos compartilhados, em canções, pedaços de poesia. Como se diz em música, é um canto em cânone a três vozes ou menos: a criança, um dos pais, o professor ou o cuidador.

Sustentar o fio pelo olhar?

A técnica permite ter a criança por vídeo/áudio, por que não aproveitar disso? Nós diríamos não, em um primeiro tempo, sobretudo quanto aos pequeninos, porque há informações demais a integrar pela imagem, aliás uma dimensão do íntimo é desvelada dos dois lados. Mas a experiência mostra, entretanto que em certos casos específicos de crianças sofrendo perturbações de aparência autista, elas devem permanecer solicitadas pelo olhar, senão elas se ausentam, como nós o sabemos.

O professor, o terapeuta, decidem caso a caso. Para determinadas crianças já solicitadas demasiadamente pelas imagens, talvez seja melhor evitar [a imagem] para criar também um efeito de surpresa pela velha utilização do telefone. Mas para outras, aquelas que a

mestra até mesmo em aula, prende com seu olhar, para elas, por que se privar disso! O importante é sempre dizer alguma coisa: “Oh, Paul, você vê, é especial se ver no telefone de tua mamãe...”.

A criança pequena é muito atenta a tudo o que é imagem, frequentemente cativa desde cedo e isso pode ser gerador das adições futuras. É preciso então arbitrar caso a caso com prudência e engajamento para não ser tomado entre dois escolhos: perder o fio com a criança ou aliená-la à visão.

Sabemos principalmente que as proposições de psicomotricidade ganham enormemente por serem acompanhadas claramente pela imagem, assim como o relaxamento terapêutico por exemplo.

Abrir um ponto no horizonte: a função do “fazer relato”

Pensamos que nessa situação excepcional, a mensagem principal se situa nesse lugar: nunca deixar se interromper o fio do relato compartilhado, esse relato cujo tecido começou desde os primeiros dias de setembro¹.

A criança do maternal é um tesouro de experiências, tanto ela é grande apreciadora de pequenas histórias que ela faz repeti-las à vontade e igualmente apreciadora das tribulações que ela inventa para si ao longo do dia. Tudo é epopeia na vida da criancinha. Em seguida serão os contos, as lendas e os mitos, todo esse patrimônio cultural que permite dar palavras às grandes questões da existência e seus enigmas, aos mistérios do fora, da Cidade, e do Mundo. Esse patrimônio alimenta um imaginário compartilhado entre adultos e crianças, e se sustentam de utopias necessárias. Quando esse imaginário narrativo faz falta, sem utopia, não resta senão a angústia e o medo.

É preciso então retomar incansavelmente com a criança o fio do relato: “Era uma vez... e um dia... e depois...”. O professor e o psicólogo são esperados nesse ponto preciso, cada um em seu ofício, não intercambiáveis, mas ligados pela mesma missão sagrada.

Dr. Jean-Jacques Tyszler, médico diretor da MGEN, Ilaria Pirone, psicóloga clínica, mestre de conferência da universidade Paris 8 e a equipe do CMPP.

Tradução: Letícia Patriota da Fonseca, psicanalista, membro da ALI e do Espaço Moebius.

¹ O início do ano letivo. N.T.